

Quem transforma se transforma: extensionistas no exercício da extensão

Who transforms is transformed: extensionists in the exercise of the extension

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar os resultados do processo de transformação e autotransformação dos agentes envolvidos que participaram de ações extensionistas. Para isso, apresentamos aqui três casos que foram selecionados dentre as ações de extensão ocorridas em um Campus Universitário da Universidade Federal de Uberlândia de caráter eminentemente tecnológico (engenharias e biotecnologia) e as ações conseguem envolver aproximadamente 70 estudantes distribuídos em três casos distintos: Casa Lar Meninas dos Olhos de Deus, Lar de Idosas Eurípedes Barsanulfo e Lar Vicentino Padre Alaor. Os resultados apontaram para a identificação de três tipos de transformações. A primeira transformação foi relacionada aos resultados identificados no público-alvo e organizações participantes dos casos. A segunda transformação está relacionada ao processo de autotransformação dos estudantes que foi constatado inicialmente pelo entendimento por parte dos estudantes da diferença entre assistência e extensão, seguido da necessidade de envolvimento, comprometimento e aprendizado sobre dialogicidade, presentes no processo de planejamento e elaboração de um projeto de extensão. A terceira e última transformação está relacionada ao início do debate sobre a necessidade do Campus criar e implementar uma agenda de extensão que venha ao encontro das demandas sociais mais importantes e relevantes da comunidade que a cerca.

Palavras-chave: Extensão universitária. Campus universitário. Transformação social. Lideranças estudantis.

ABSTRACT

The present work aims to report the results of the process of transformation and self - transformation of the agents involved who participated in extensionist actions. In order to do so, we present here three cases that were selected among the extension actions that took place in a University Campus of the Uberlândia Federal University of eminently technological character (engineering and biotechnology) and the actions manage to involve approximately 70 students distributed in three different cases: Casa Lar Meninas dos Olhos de

Peterson Elizandro Gandolfi

Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, Brasil; professor no Programa de Pós-Graduação em Gestão Organizacional (Mestrado Profissional) da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; investigador visitante do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal (peterson@ufu.br).

Ana Luiza Guimarães Borges

Graduanda em Engenharia de Alimentos na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. (ana_luiza_gb@hotmail.com)

Denilson Carrijo Ferreira

Mestrando em Administração na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil (denilson_carrijo@hotmail.com).

Maria Raquel Caixeta Gandolfi

Doutora em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; professora adjunta nesta universidade; investigadora visitante do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal (raquelcgandolfi@ufu.br).

Deus, Lar de Idosas Euripides Barsanulfo and Lar Vicentino Padre Alaor; all located in the Municipality of Patos de Minas, in the state of Minas Gerais / Brazil. The results pointed to the identification of three types of transformations. The first transformation was related to the results identified in the target audience and organizations participating in the cases. The second transformation is related to the students “self-transformation process, which was initially verified by the students” understanding of the difference between care and extension, followed by the need for involvement, commitment and learning about dialogicity present in the planning and design process of an extension project. The third and final transformation is related to the beginning of the debate about the need for the Campus to create and implement an extension agenda that meets the most important and relevant social demands of the community that surrounds it.

Keywords: University extension. University campus. Social transformation. Student leaderships.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a extensão nas universidades públicas brasileiras teve um caráter secundário dentro das prioridades acadêmicas. Somente nas últimas décadas, com a redefinição do papel da universidade pública, exigiu-se que os interesses sociais fossem articulados, prioritariamente, com as demandas dos grupos sociais mais vulneráveis. Tal disposição contraria a visão reducionista que considera a extensão uma atividade meio, entendida apenas como uma forma de exercício do ensino e da pesquisa, e não como outra função da universidade, ou seja, como uma ação e uma metodologia próprias do fazer acadêmico (SILVA; FRANZ, 2002).

Contrariando essa proposta reducionista, busca-se no conceito freiriano de extensão (FREIRE, 1977) a dialogicidade, a interação e o envolvimento com a comunidade, os elementos fundamentais do processo extensionista que toma a extensão como sendo “a atividade acadêmica capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade” (FORPROEX, 1999).

Se a transformação é condição básica para a extensão, a educação

e a formação dos estudantes também são elementos fundamentais. Nesse sentido, a extensão proporciona a concretização do aprendizado em sala de aula junto à comunidade, possibilitando nas atividades desenvolvidas no dia-a-dia demonstrar a realidade complexa do cotidiano social. A experiência ensina a valorizar o ser humano, a respeitar as diferenças e conviver com elas; ensina a construir relações sociais mais humanas e solidárias, reconhecendo as dificuldades e as contradições existentes nos grupos sociais e a lutar coletivamente pela transformação da sua realidade socioeconômica no contexto da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Diante desse conceito, apresenta-se a seguinte pergunta de pesquisa: quais os tipos de mudanças/transformações podem ocorrer dentro de um projeto de extensão? Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar e apresentar os tipos de transformações que podem ocorrer a partir de um projeto de extensão. Para isso, utiliza-se como objeto de estudo um projeto de extensão que envolveu aproximadamente 70 estudantes distribuídos em três casos distintos: Casa Lar Meninas dos Olhos de Deus, Lar de Idosas Eurípedes Barsanulfo e Lar Vicentino Padre Alaor; todos localizados no Campus Universitário da Universidade Federal de Uberlândia, no Município de Patos de Minas, interior do Estado de Minas Gerais, Brasil.

Com isso, o presente trabalho visa contribuir para o entendimento sobre o conceito de extensão a partir da concepção freireana e, principalmente, caracterizar algumas transformações que um projeto extensionista pode apresentar: transformações da comunidade, transformações pessoais da equipe e transformação institucional.

A concepção freiriana da extensão

O conceito de extensão nos remete a alguns significados semânticos, mas geralmente nos dá uma ideia de sentido ou direção de algo que se expande para outro lugar. Freire (1977) apresenta uma proposta esclarecedora sobre o tema quando descreve uma breve experiência sobre um engenheiro agrônomo que vai para a região rural (“assentamento”) de reforma agrária levar o conhecimento elaborado da Universidade para os camponeses. Na explicação, ele “estende” um saber que “supera” o saber do agricultor camponês que pouco conhece a técnica, a terra e a agricultura, promovendo uma invasão

cultural que possui maior valor científico “para normalizá-lo, para fazê-lo mais ou menos semelhante a seu mundo” (FREIRE, 1977). Esse equívoco, amplamente ignorado, trazido na tradição conceitual da palavra extensão, reproduz uma negação do sujeito, a anulação de sua invenção do mundo como agente transformador do mundo para si e para os demais. Nesse sentido, o extensionista é “interventor” da realidade, na concepção conservadora. Diante disso, Freire pretende resgatar o conceito de extensão em sua dimensão pedagógica ou educativa que não pretende negar o conhecimento e a técnica do agrônomo, mas mostrar que ele poder ser um educador-educando.

A condição do “Ser-Mais” (do sujeito) só pode ser atingida quando há interação entre a cultura presente na vida do lavrador conectada ao saber trazido pelo agrônomo.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo a ‘sede do saber’, até a sede da ‘ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem — por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais — em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1977, p. 25).

No contexto da universidade pública brasileira, a partir das chamadas “lições públicas” iniciadas pela Universidade de São Paulo (USP), na década de 1960, eram oferecidos os primeiros passos no sentido da democratização do saber para a comunidade, colocando essas universidades próximas às suas comunidades. Os anos 1970 e início dos anos 1980 foram marcados por profundas agitações políticas e um processo de democratização do país seguido de um processo de enfraquecimento da sociedade política e fortalecimento da sociedade civil. Com isso, promoveu-se uma mudança de postura da Universidade em relação ao seu posicionamento diante dos novos contextos sobre aproximação ensino, pesquisa e extensão, e a tradição

de assistencialismo da extensão passou a ser questionada,

a pesquisa, tanto a básica quanto a aplicada deveria ser sistematicamente direcionada ao estudo dos grandes problemas, podendo fazer uso de metodologias que propiciassem a participação das populações na condição de sujeitos, e não na de meros espectadores. (FORPROEX, 1999, p. 3)

Dessa forma, percebeu-se que a relação com a comunidade era caráter fundamental para a renovação da academia a partir da inclusão mútua entre saber popular e saber acadêmico gerando uma proposta de pertencimento.

O Plano Nacional de Extensão Universitária recupera o conceito de extensão, como sendo “a atividade acadêmica capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade” (FORPROEX, 2003). Com isso, as universidades – entendidas como espaço privilegiado para a produção, acumulação do conhecimento e formação de profissionais cidadãos – devem se pautar por uma construção da intervenção via políticas públicas.

No âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tem-se em Muñoz Palafox (2007, p. 18) a proposta do conceito da prática da ação extensionista.

A Extensão, enquanto atividade fim da universidade, interliga criticamente essa instituição com a sociedade por meio da promoção, apoio, incentivo e desenvolvimento de programas, projetos, convênios, eventos e de produtos com três finalidades básicas:

(1) compartilhar às demandas e necessidades tecnológicas, científicas, culturais, ambientais, esportivas e educacionais da comunidade interna e externa, enfatizando as parcelas da sociedade que não têm acesso aos bens

culturais e científicos produzidos e/ou sistematizados pela universidade;

(2) proporcionar, fora do ensino regular, espaços de aprendizagem e de aquisição de experiência profissional para os alunos da universidade, incorporando os saberes escolares e a reflexão crítica dos mesmos. Isto, de modo a estabelecer tanto uma relação indissociável entre a teoria e a prática para uma formação plena, quanto elementos importantes para a avaliação e a reformulação curricular;

(3) estabelecer relações transformadoras fortalecendo a democratização do saber acadêmico e a interlocução com os problemas da sociedade, apontando permanentemente para novos objetos de estudo.

O texto demonstra a posição que remove o lugar da Universidade como única detentora do saber e abre o espaço para a comunidade. Desse ponto, entende-se uma universidade aberta e cidadã, que prioriza o local, a região e/ou o país, e que deve atuar junto ao sistema de público no sentido de fortalecer a educação e a construção de políticas públicas.

METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza aplicada com uma abordagem qualitativa. O método de procedimento utilizado foi o estudo de multicasos por se mostrar o mais adequado para avaliar o fenômeno em seu ambiente natural (YIN, 2001; GODOY, 2010). Com essa abordagem, foi possível descrever com mais profundidade e compreender a relação do ambiente e seus diversos atores. O estudo foi realizado em um Campus Universitário da Universidade Federal de Uberlândia, localizado no Município de Patos de Minas, interior do Estado de Minas Gerais, Brasil. A escolha do Campus se justifica pelo fato de ele ter um caráter eminentemente tecnológico (engenharias e biotecnologia) e as ações conseguirem envolver diversos estudantes distribuídos em três casos distintos: Casa Lar Meninas dos Olhos de

Deus, Lar de Idosas Eurípedes Barsanulfo e Lar Vicentino Padre Alaor.

A coleta de dados, documentos e as observações de campo foram feitas a partir da proposta de execução de uma ação solidária idealizada pelas lideranças estudantis do Campus. As ideias foram convertidas em um projeto que envolvia, além do caráter solidário e assistencialista, uma etapa de formação em extensão e outra etapa relacionada à formação em elaboração e implementação de projetos. Dessa forma, dentro de um período de três meses aproximadamente, transformou-se uma ação de caráter tipicamente assistencial em uma proposta extensionista.

Ao final do projeto houve uma avaliação da ação e dos resultados com os enfoques comunidade, universidade e indivíduo por meio de relatórios e entrevistas. Ao todo foram entrevistadas quinze pessoas entre estudantes e professores que participaram direta ou indiretamente do projeto. A base teórica utilizada para o procedimento de análise de dados foi desenvolvida a partir da estrutura de análise de conteúdo descrita no método de estudo descrito em Yin (2001) e Godoy (2010). Para isso, elaborou-se uma pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

As transformações e autotransformações

Os casos de estudo

O Lar Vicentino Padre Alaor foi fundado em janeiro de 1953 para acolher famílias carentes de nossa cidade e com o passar dos anos e mudança das legislações passou a atender somente pessoas idosas.

A experiência ocorreu no período de 11 a 22 de dezembro de 2014 com a visita da Associação de Estudantes Atlético (AAAEB) para conhecimento e vivência da realidade local e avaliação dos interesses do grupo de atendidos (levantamentos de necessidades). Verificou-se que as demandas do Lar Padre Alaor eram distintas daquelas inicialmente planejadas pelo grupo.

Após um período de preparação foi realizada uma visita em um evento de doação de presentes. Durante a visita,

fomos encaminhados para a ala feminina,
onde ficamos encantados com o amor

e carinho que nos receberam [...] As internas receberam seus presentes com muito entusiasmo, nos agradeceram com abraços intensos e as que possuíam impossibilidades, com sorrisos sinceros. A interação emocional entre os estudantes e as internas, com certeza, foi o que mais nos chamou atenção. (Entrevistado 1).

A entrega de presentes na ala masculina procedeu-se praticamente da mesma forma, porém, com uma maior interação social. Muitos dos homens ali encontrados, satisfeitos com seus presentes, nos contaram histórias de suas vidas, nos apresentaram seus quartos e falaram sobre assuntos do cotidiano. (Entrevistado 1).

A terceira ala para a qual fomos encaminhados foi a enfermaria. Muitos dos internos incapazes de falar ou receber os presentes nos olhavam e escutavam atentamente, além de darem sorrisos discretos. Neste momento, os papéis foram invertidos, e os estudantes começaram a contar suas histórias, segurar suas mãos, e passaram mensagens positivas. (Entrevistado 1).

Nas três passagens acima, pudemos perceber a importância da interação e do “desenvolvimento” do olhar extensionista por parte dos estudantes. A percepção dos “abraços intensos”, “sorrisos sinceros” e “internos incapazes de falar, mas com o olhar atento” demonstrou o forte aspecto emocional da ação, observando que o presente físico ficou em um plano secundário, dando-se mais relevância aos aspectos afetivos, de atenção e acolhimento.

O que se vê nos retratos vai além das experiências; cada ação traz consigo as histórias de suas personagens e, por trás da beleza que deslumbra os olhos, há revelação das questões e a realidade de

um grupo com muito a dizer e, muitas vezes, com pouco espaço para tanto. A transformação por meio das ações fica nítida nos depoimentos “pós projeto”. (Entrevistado 8).

No dia 13 de dezembro de 2014, os estudantes que compõem a Aliança Bíblica Universitária de Patos de Minas realizaram uma visita às crianças que residem na Casa Lar Menina dos Olhos de Deus, projeto iniciado em Trindade, Goiás, e trazido para Patos de Minas em meados de 2010. O grupo composto contou com 11 voluntários que fizeram um trabalho recreativo com as crianças e adolescentes do local.

O planejamento inicial estava relacionado à uma doação de presentes às crianças que habitavam essa organização. Entretanto, após uma visita inicial do grupo de estudantes entendeu-se uma modificação da proposta de ação.

A princípio, as atividades foram relaxantes com o objetivo de envolver a todos. A tarde foi de muitas brincadeiras. Logo após, algumas músicas com mensagens reflexivas foram tocadas. As adolescentes fizeram pedidos musicais e todos interagiram, houve um rápido teatro que também exibia uma moral. Uma roda de conversa facilitou ao grupo fazer o levantamento dos principais problemas enfrentados pela instituição e por fim, mais diversão seguido de um lanche com entrega dos presentes (proposta inicial). Nesse caso, cada estudante foi responsável por um presente e principalmente conseguiu realizar algo além do combinado, visando marcar as vidas das crianças e consequentemente suas próprias vidas.

Na visita a esse orfanato, pude contemplar o olhar das crianças a ela e a outra cuidadora. Um olhar de entrega, de semelhança, de empatia. Tais atitudes foram importantes o suficiente para que eu buscasse uma autotransformação, a fim de proporcionar uma mudança externa, onde eu puder, onde precisar. (Entrevistado 4).

Como resultado da ação, foram criados laços entre os membros do grupo e entre esses com a Casa Lar. Outras visitas foram posteriormente

agendadas e um novo projeto de reforço escolar e contação de histórias foi desenvolvido ao longo do ano posterior ao evento. Ao fim, o grupo teve um retorno positivo e, de forma unânime, concordaram que as experiências foram marcantes.

Ao visitar as instituições mencionadas, fomos recebidos de braços abertos, com sorrisos largos e gestos carinhosos, porém em mim permanecia o sentimento de impotência, por não poder interferir na ordem natural dos acontecimentos e oferecer melhores oportunidades para essas pessoas. É indescritível a esperança nos olhos de um órfão que sonha em ser adotado e gratidão de um idoso que conta sua história de vida. (Entrevistado 6).

O Lar de Idosos Eurípedes Barsanulfo foi fundado em agosto de 1958 por meio da doação de um terreno com algumas casinhas. Inicialmente, foi destinado à moradia de famílias carentes e sofreu várias reformas até chegar à estrutura atual. Em 2001, tornou-se abrigo para idosos carentes e hoje é reconhecido pelos órgãos governamentais como Instituição de Longa Permanência com a capacidade de receber 12 idosos.

A ideia de realizar um natal solidário com a entrega de presentes aos idosos foi modificada para a realização de atividades e com o intuito de transmitir conceitos de solidariedade, possibilitando o desenvolvimento do respeito à diversidade, incentivar o trabalho coletivo, resgatar atitudes de cooperação, responsabilidade, participação, sensibilidade, mostrando que é possível o nascer e o florescer da paz que habita o interior de cada um de nós.

Uma das ações realizadas foi uma espécie de um natal solidário com idosos institucionalizados, onde os estudantes pegaram cartas de com os presentes de natal que os idosos gostariam de ganhar. Ao abrir minha carta, foi uma mistura de sentimentos e emoções. Minha idosa pediu um presente muito simples, senti alegria com espontaneidade e pesar por

ter demorado tanto a participar de uma ação de extensão. (Entrevistado 6).

Durante a visita,

Pude perceber que as idosas são muito carentes de uma conversa, um abraço, atenção, pude perceber também que por mais que elas estejam bem, o lar é um lugar triste, no entanto acrescentou muito em minha vida fazer por ao menos uma tarde aquelas senhoras sorrirem e ouvi-las dizendo: “Fica mais, não queremos que vocês vão agora”. Gostaria de sempre voltar para visitá-las, pois é um trabalho muito gratificante. (Entrevistado 2).

Bom, a primeira impressão foi que só havia tristeza lá, e que a qualquer momento nos mandariam ir embora... Mas ao conversar um pouco, pude ver que apesar do sofrimento pelo fato de estarem lá, algumas senhoras se mantinham alegres, confiantes e com bom humor, dispostas a cantar, conversar e contar suas histórias. Enfim, ao final da visita, apesar da carência, uma coisa que me chamou muita atenção foi o carinho e o respeito recíproco. (Entrevistado 3).

Fizemos várias atividades com as senhoras, levamos violão, brindes, foi muito gratificante. Sem sabermos se era verdade ou não, elas nos contaram grandes histórias. Depois conversando com as cuidadoras, conhecemos mais um pouco de cada uma. (Entrevistado 10).

No caso do Lar Espírita Eurípedes Barsanulfo o objetivo do projeto foi plenamente alcançado. Além disso, outra proposta extensionista com novas visitas foram definidas a partir do evento.

O momento que mais me marcou foi que, assim que chegamos lá, cumprimentamos cada uma delas e ao final nos despedimos.

Ao me despedir da Dona Maria, uma senhora extraordinária, fantástica, com uma história de vida sem palavras, fui tomada pela emoção, mesmo sendo cega dos dois olhos, ela consegui perceber que não me continha com a emoção daquela tarde, pra mim uma grande lição. Ele me abraçava e falava para que todos ouvissem para que eu não chorasse, que ela estava feliz de termos ficado com ela e que era para voltarmos mais vezes, que a vida lá é muito triste, porém, quando alguém se lembra delas a esperança se renovava e a cada palavra que ela me falava, eu não conseguia me conter e chorava mais e mais. (Entrevistado 8).

Para termos uma visualização integrada dos três casos apresentados, propõe-se o Quadro 1 com um breve resumo dos casos, especialmente no que se refere às diferenças entre o que foi planejado e o que foi realizado. Nele, verifica-se que, para as três organizações, houve uma mudança do foco da doação, isto é, se em um primeiro momento o planejado é doar “coisas” na forma de alimentos e presentes, o aspecto mais relevante do que aconteceu foi que o grupo “se doou” por meio da interação, atenção, carinho e/ou conversa, fato esse que se mostra fundamental para o entendimento do processo de autotransformação que será avaliado a seguir.

Quadro 1 – Resumo dos casos estudados

Resumo das atividades	Organizações Estudadas		
	Lar Vicentino Padre Alaor	Casa Lar Menina dos Olhos de Deus	Lar Espírita Eurípedes Barsanulfo
Aspecto principal planejado	Visita, contato e doação de alimentos	Visita, contato e doação de presentes	Visita, contato e doação de presentes
Aspectos mais relevantes do realizado	Interação, atenção e troca de carinho	Interação, música, c o n t a ç ã o d e histórias	Interação, conversas fraternas, atenção às histórias e estórias

Fonte: Os autores (2018).

A autotransformação

A segunda proposta de transformação está relacionada ao processo de autotransformação dos estudantes. Isso pode ser constatado inicialmente pelo entendimento na prática por parte dos estudantes da diferença entre assistência e extensão. Constatações relacionadas ao envolvimento, comprometimento e aprendizado dentro de um processo de dialogicidade foram verificadas. Os estudantes puderam aprender o processo de planejamento e elaboração de um projeto de extensão.

A autotransformação das pessoas que participaram do projeto pode ser entendida a partir de três aspectos: utilidade, dialogicidade e transformação interna.

A autotransformação formadora de agentes da transformação, no sentido de usar os conhecimentos para um propósito, pode ser percebida como elemento para os estudantes compreenderem o fato de que a Universidade pode levar a transformação até a comunidade, conforme o entrevistado 4:

Projetos estudantis voluntários, de caráter extensionista tem por objetivo levar à sociedade uma transformação, independente da área. Com base nessa proposta [...] realizamos grandes mudanças, avanços e transformações nas pessoas e lugares envolvidos. (Entrevistado 4).

A mesma percepção pode ser verificada no entrevistado 8, ao comparar o processo de formação universitária com uma planta e a extensão com um elemento-chave que contribui para o crescimento dessa planta, no sentido “transformação da pessoa, ou seja, os frutos”.

Uma estufa de mudas: uma excelente definição do que representa a universidade. Se nos detivermos um pouco mais nessa metáfora, onde mais poderia uma semente vislumbrar todo seu potencial? E é em terra boa, bem nutridas, com os cuidados dos mestres e a força do Sol que é possível criar raízes e se desenvolver. Entretanto, não basta somente fazer

crescer, da mesma forma em que numa universidade não é o bastante apenas desenvolver habilidades técnicas em seus estudantes: a realização e transformação da pessoa são o fim, ou seja, os frutos. O crescimento é apenas um meio para tal. E eis que chega o dia do plantio, o dia do encontro com o “mundão”, tantas vezes hostil e desestabilizador. Dessa forma deve acontecer o processo de formação: no dinamismo da vida concreta do povo, exteriorizando o que de bom se encontra na terra onde se fixam, que é o mundo, as cidades, os escritórios, hospitais e onde mais haja a mínima possibilidade de transformação. (Entrevistado 8).

Também no entendimento de se contribuir para um mundo melhor: “partindo da certeza de que cada trajetória transforma, muitas transformam as vidas de pessoas, comunidades e grupos, fazendo do mundo um lugar melhor” (Entrevistado 6). Sob outro ponto de vista, o entrevistado 4 entende que “conhecimento sem transformação não é sabedoria”, assim, “pode-se afirmar que arte do saber, do conhecer toma maiores formas com a capacidade de ensinar, de doar-se, de tornar o outro o alvo da transformação” (Entrevistado 4), atribuindo um sentido utilitário para o conhecimento adquirido, isto é, entendendo que o conhecimento só seria útil quando fosse aplicado para o bem da comunidade.

Um segundo aspecto, pode-se verificar o aprendizado sobre a questão da dialogicidade de um projeto de extensão. Nesse caso, o entrevistado 12 relata as questões de integração, compartilhamento e troca. Inicialmente no sentido de buscar entender as necessidades:

Desse modo, a presença ética, criativa, acolhedora, fraterna e servidora na comunidade universitária propicia a transformação dos lugares, das pessoas e da formação humana. Os objetivos de nossas atividades são possibilitar ao universitário reconhecer melhor suas habilidades, bem como exercitar

a sensibilidade de seu olhar para as necessidades do próximo e dos ambientes por onde passa, consciente das ameaças à dignidade humana e à criação, todas dádivas de Deus. (Entrevistado 12)

Depois, no entendimento da dialogicidade como um processo de integrar, compartilhar e trocar apresentada pelo entrevistado 6:

Participar de uma ação extensionista me proporcionou uma experiência que nunca imaginei ter ao ingressar na universidade. Foram várias oportunidades de se integrar na comunidade, levar conhecimento e também receber. A atividade de extensão é mais do que compartilhar algo em algum lugar ou com alguém. É troca de valores, sentimentos e conhecimento além do que uma graduação oferece. (Entrevistado 6).

Ou no entendimento de mão dupla descrita pelo entrevistado 4:

A extensão é claramente bipartite. Uma ajuda mútua que beneficia a visita e o visitante. Saio do projeto deixando um pouco de mim e levando muito dos projetos. Em particular, os projetos infantis em que estive envolvida: o sorriso, a esperança e a paz que cada criança carrega e que é capaz de ampliar horizontes, alongar o olhar para a vida e ensinar até os mais experientes sobre a verdadeira solidariedade e autotransformação. (Entrevistado 4)

O terceiro aspecto da autotransformação por ser entendido como transformação interna que remete às mudanças nos sentidos expressos pelo entrevistado 5, quando relata a questão do “olhar extensionista”:

esta transformação interna, afeta positivamente os sentidos. Os olhos já não são mais os mesmos. O olhar extensionista é um olhar proativo, observador, diferenciado. Busca-se

com ele resolver problemas ainda não solucionados, e este é o princípio de tudo. (Entrevistado 5).

Ou a nova concepção do “enxergar o mundo, descrito pelo entrevistado 6:

essa experiência mudou bastante minha forma de enxergar o mundo, me fez olhar para as necessidades, tão básicas, que as pessoas possuem e que são muitas vezes ignoradas pelo restante da comunidade. É certo de que existem muitos outros projetos voltados para a assistência de idosos e crianças, mas na maioria das vezes o que eles precisam não é só de serem assistidos. Necessitam do cuidado holístico, fraterno e de se sentir parte ativa da sociedade, felizmente foi essa a visão que a extensão me proporcionou. (Entrevistado 6).

Ou a transformação interna que demonstra uma ampliação dos sentidos para próprio corpo, quando o entrevistado 4 apresenta “mãos acolhedoras”, “pés que apressam fazer o bem”, “ouvidos prontos para escutar”:

As mãos do extensionista são mãos acolhedoras, recíprocas, que buscam através da ação a resolução dos planos traçados, das metas no papel, da execução de todo o projeto. Os pés do extensionista são fortemente iluminados. São pés que apressam para fazer o bem, que associam conhecimento, envoltos em determinação, de forma que o caminho e a distância entre a Universidade e a comunidade sejam encurtados e haja trabalho visando o bem comum. Os ouvidos do aluno envolvido em extensão são hoje prontos para escutar, para ouvir, para deduzir qual a melhor forma para determinado público. São atentos para

ouvir clamores. A autotransformação é um processo contínuo, que inicia-se da autorreflexão. A grande diferença é perceber que a extensão forma um corpo. Tais membros citados acima são verdadeiramente existentes, sejam conotativa ou denotativamente, são transformadores. Como parte de um corpo unificado e completamente transformado, “saio do projeto entrando”. Finalizando o trabalho, entrando de cabeça no mundo da transformação. Esta que nunca para, me ensinou a nunca parar, ainda que os passos fiquem mais curtos, ora cansados, ora inquietos, ora calejados, mas sempre avante. “Que haja transformação, e que comece comigo.” (Entrevistado 4).

Dessa forma, a partir dos relatos acima, a prática extensionista ganha um significado para as pessoas de que “transformar é transformar-se” a partir do entendimento do conceito freiriano do “educar é educar-se”. Os envolvidos no processo compreenderam que para transformar eles precisam atuar como agentes de transformação no sentido de buscar uma aplicação útil dos seus conhecimentos e, para isso, a troca de saberes e aprendizado mútuo proporciona um vetor de transformação que atua em dois sentidos, resultando um indivíduo com um corpo e seus sentidos mais ampliados e emancipados.

A autotransformação institucional

A extensão universitária se caracteriza pelo fato de sua abrangência transcender as práticas de ensino e os limites metodológicos da pesquisa. Ocupa um lugar próprio, definido como atividade fim, que se relaciona com o ensino e a pesquisa e dos quais se diferencia pelo modo de fazer e por suas relações estreitas com a sociedade, seu campo de atuação (ALMEIDA, 2004).

A UFU persegue, junto com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas (FORPROEX), a construção da política nacional de extensão universitária contida no Plano Nacional de

Extensão Universitária. Essa política afirma, entre outros aspectos,

a necessidade de contribuir com a construção de uma nova concepção de universidade baseada na redefinição das suas práticas de ensino, de pesquisa e de extensão a partir da inserção desta instituição nos processos de fortalecimento da sociedade civil, principalmente, os relacionados com os interesses das classes populares. (UFU, 2000, não paginado).

Com isso, a proposta de redefinição do papel da universidade pública exige que os interesses sociais sejam articulados, prioritariamente, com as demandas dos grupos sociais que não têm poder para colocar o conhecimento técnico e especializado a seu serviço pela via mercantil. Por esse motivo, as metas da UFU, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), buscam possibilitar a promoção de uma nova convivência ativa entre diversos saberes existentes, sob o pressuposto de que todos eles, incluindo o saber científico, podem se enriquecer por meio dessa articulação.

Nesse contexto, apresenta-se a terceira transformação que está relacionada ao processo de transformação institucional. Um campus universitário novo e de caráter eminentemente tecnológico tem potencial para ser uma grande fonte de transformação social para a comunidade que o cerca. A experiência deu início a um novo debate no Campus Patos de Minas sobre a necessidade de se criar e implementar uma agenda de extensão que vá ao encontro das demandas sociais mais importantes e relevantes da comunidade que a cerca, segundo a concepção freiriana (FREIRE, 1977).

Uma nova agenda de trabalhos foi desenvolvida a partir da experiência. Ela abriu a percepção para a busca de demandas sociais de outros grupos vulneráveis da sociedade, como, por exemplo, agricultores familiares, assentamentos e grupos quilombolas. (Entrevistado 13).

A sociedade é referência fundamental para identificar o papel da

universidade pública e seus compromissos institucionais, motivo pelo qual definir a Universidade como sendo “do público” implica repensar permanentemente as práticas institucionais influenciando as escolhas das prioridades socialmente assumidas: a) nas políticas de formação de alunos/as; b) na produção, na socialização e nas trocas de conhecimentos; e c) nas relações humanas desenvolvidas no interior e fora da instituição.

O caso da experiência extensionista demonstrou que a Universidade Pública conseguiu ser integral em seu processo de formação quando abriu oportunidade aos estudantes de irem além da formação técnica/tecnicista. Os estudantes ampliaram os seus sentidos e suas percepções de mundo repensando seus objetivos e sua responsabilidade perante a sociedade que contribuiu para a sua formação. (Entrevistado 13).

Dessa forma, o exercício da extensão universitária, ancorada no conceito acima, proporciona ao estudante universitário uma rica vivência no mundo do trabalho com suas múltiplas condicionantes e contradições, de tal forma que possibilite o confronto com as diferentes visões, disputas políticas e ideológicas e práticas científicas e profissionais.

A formação crítica proposta procura articular permanentemente a extensão com o ensino e a pesquisa, por meio da promoção de ações sócio profissionais e políticas da equipe. Tudo isso como forma de promover a resolução de problemas sociais, a construção de conhecimento ancorado dialeticamente na relação “saber-popular-saber-acadêmico”, assim como a necessária socialização do conhecimento produzido de forma socialmente referenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresenta processo de transformação e autotransformação dos agentes envolvidos que participaram de ações

extensionistas. Esse processo pode ser categorizado em três tipos de transformações.

A primeira transformação foi apresentada a partir dos três casos estudados: Casa Lar Meninas dos Olhos de Deus, Lar de Idosas Eurípedes Barsanulfo e Lar Vicentino Padre Alaor. Apresentou-se resultados identificados nos públicos-alvo e nas organizações. Foram realizadas ações de comunicação, educação, esporte e arte que possibilitaram mudanças tanto no comportamento das pessoas quanto das rotinas das organizações. As novas ações e novos projetos decorrentes da ação original demonstraram que os resultados foram relevantes e por isso, demandando-se novas ações e projetos.

A segunda transformação está relacionada ao processo de autotransformação da equipe de trabalho, em especial dos estudantes. Eles aprenderam a diferença entre uma ação assistencial e uma ação extensionista, e puderam elaborar, planejar, executar e avaliar um projeto extensionista na concepção freiriana. Apresentaram-se várias transcrições de entrevistas de diversos agentes evidenciando o teor e a profundidade das mudanças em termos da capacidade de ouvir e dialogar ou na forma de perceber o mundo ou, até mesmo, na utilidade dos seus saberes e do próprio corpo.

A terceira transformação está relacionada à transformação institucional por meio do início do debate sobre a necessidade do Campus Patos de Minas criar e programar uma agenda de extensão no sentido de enfocar as demandas sociais mais importantes e relevantes da comunidade que a cerca. Dessa forma, a Universidade Pública começa a “contribuir significativamente para a mudança da sociedade” (FORPROEX, 2000).

Diante disso, a partir do entendimento freiriano do “educar é educar-se” pudemos verificar que a prática extensionista promove um processo de autotransformação do indivíduo na medida em que é executada, ou seja, quem transforma, se transforma.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A extensão universitária como atividade fim. **Interagir**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 27-36, jan./jul. 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1977. 226 p.

FORPROEX – Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **O Plano Nacional de Extensão Universitária**. 1987. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. **Rede Nacional de Extensão**. 1999. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=3>. Acesso em: 18 jan. 2018.

_____. **Extensão universitária: organização e sistematização**. CORRÊA, J. E. (Org.). Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. 112 p.

_____. **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em: <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 115-146.

MORAES, R. C. C. Universidade hoje: ensino, pesquisa, extensão. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 19, n. 63, p. 19-37, ago. 1998.

MUÑOZ PALAFOX, G. H. M. **Os caminhos da extensão: um olhar crítico**. 2007. (mimeo)

SILVA, E. W.; FRANTZ, W. **As funções sociais da universidade: o papel da extensão e a questão comunitária**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2002. 248 p.

UFU – Universidade Federal de Uberlândia. **Regimento Geral**. 2000. Disponível em: <http://www.ufu.br/sites/ufu.br/files/media/documento/regimento_geral_da_ufu.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205 p.

Submetido em 2 de março de 2018.

Aprovado em 28 de março de 2018.